

**PAISAGENS CULTURAIS E IMAGINÁRIO COMO RECURSO
SIMBÓLICO DA CIDADE PEQUENA: um estudo sobre Triunfo,
Sertão de Pernambuco**

**CULTURAL AND IMAGINARY LANDSCAPES AS A SYMBOLIC RESOURCE
OF SMALL CITY: a study on Triunfo, in the Pernambuco Backland**

**PAISAJES CULTURALES E IMAGINARIOS COMO RECURSO SIMBÓLICO
DE CIUDAD PEQUEÑA: un estudio sobre Triunfo, en Pernambuco**

Vera Lúcia Xavier dos Santos

Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – PPGECO-UFMT. Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade – Citicom/UFMT.

verasantos1010@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0003-0955-2170>

Yuji Gushiken

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGECO-UFMT. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade – Citicom/UFMT.

yug@uol.com.br / <http://orcid.org/0000-0002-6620-3375>

Recebido: 22/05/2020; Aceito: 05/02/2021; Publicado: 15/08/2021.

RESUMO

Nesta pesquisa desenvolve-se o argumento de que paisagens culturais e o imaginário constituem recursos simbólicos a serem considerados na inserção da cidade pequena nas distintas redes urbanas do país. Paisagens culturais (incluindo os biomas locais), na amplitude do imaginário local, podem constituir potenciais recursos simbólicos que singularizam a cidade em sua condição genérica. Metodologicamente, adota-se uma perspectiva qualitativa de estudo de caso sobre o município de Triunfo, no sertão do Pajeú, em Pernambuco, por meio da qual buscamos compreender em que medida o imaginário pode atuar de forma a potencializar as paisagens em seu potencial simbólico e socioeconômico. A partir do campo cultural, a pesquisa desenvolve-se em prática interdisciplinar, na interface com geografia cultural, comunicação e antropologia do imaginário, com pesquisa de campo com ênfase em registro fotográfico como elementos constituintes do imaginário estudado.

Palavras-chave: Paisagens Culturais; Imaginário; Recurso Simbólico; Cidade Pequena; Triunfo-PE.

ABSTRACT

This research develops the argument that cultural landscapes and the imaginary are symbolic resources to be considered in the insertion of the small city in the different urban networks of the country. Cultural landscapes (including local biomes), in the breadth of the local imagination, can constitute potential symbolic resources that make the city unique in its generic condition. Methodologically, a qualitative perspective is adopted, a case study about the municipality of Triunfo, in the Pajeú “sertão” (hinterland), in Pernambuco, through which we seek to understand

to what extent the imaginary can act in order to potentiate the landscapes in their symbolic potential and socioeconomic. From the cultural field, the research develops in interdisciplinary practice, in the interface with cultural geography, communication and anthropology of the imaginary, in a qualitative approach, with field research and the with an emphasis on photographic record as constituent elements of the studied imaginary.

Keywords: Cultural Landscapes; Imaginary; Symbolic Resource; Small City; Triunfo-PE.

RESUMEN

Esta investigación desarrolla el argumento de que los paisajes culturales y lo imaginario son recursos simbólicos que considerar en la inserción de la pequeña ciudad en las diferentes redes urbanas del país. Los paisajes culturales (incluidos los biomas locales), en la amplitud de la imaginación local, pueden constituir recursos simbólicos potenciales que hacen que la ciudad sea única en su condición genérica. Metodológicamente, se adopta una perspectiva cualitativa, un estudio de caso sobre el municipio de Triunfo, en el “sertão” (interior) de Pajeú, en Pernambuco, a través del cual buscamos comprender en qué medida el imaginario puede actuar para potenciar los paisajes en su potencial simbólico y socioeconómico. Desde el campo cultural, la investigación se desarrolla en la práctica interdisciplinaria, en la interfaz con la geografía cultural, la comunicación y la antropología del imaginario, en un enfoque cualitativo, con la investigación de campo y el con énfasis en el registro fotográfico como elementos constitutivos del imaginario estudiado.

Palabras clave: Paisajes Culturales; Imaginario; Recurso Simbólico; Ciudad Pequeña; Triunfo-PE.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos compreender a paisagem cultural de uma cidade pequena, como Triunfo, no interior de Pernambuco, e analisar sua inserção no âmbito da rede urbana estadual, considerando esta localização em uma dimensão histórica (a atualização local de uma globalização genérica) e em uma instância geográfica (as diferenças regionais produzidas pela modernização capitalista em território brasileiro).

A cidade pequena se insere nas redes urbanas regionais brasileiras na seguinte condição: possivelmente conectada às diversas redes pela modernidade das telecomunicações, que chegam a recantos onde o transporte não chega ou é deficiente, mas invariavelmente desprovida da modernização da economia, no geral, o que inclui capacidade de atração e oferta de serviços de modo amplo, como educação em todos os níveis e saúde em todas as especialidades e complexidades. Buscamos argumentar que a dinâmica da cidade pequena, na hierarquia de uma rede urbana, pode se atualizar pela perspectiva cultural, em especial na compreensão das paisagens culturais e do imaginário por ela evocados.

Paisagens culturais constituem o imaginário das cidades e potencialmente tornam-se recursos na ordem simbólica local, dada as condições da cultura como um campo simbólico emergente, com possíveis reflexos na atividade econômica. Assim, compreende-se, na perspectiva dos estudos de cultura, a busca por uma singularidade local em meio à

urbanização genérica que se institui no desenvolvimento da rede urbana e que de modo amplo reflete a resistência e distintos modos de inserção das cidades pequenas na rede urbana nacional.

A singularidade, no caso, não como reprodução de um modelo de urbanização que se repete ao longo das redes urbanas, denotando uma experiência comum de modernização na realidade brasileira. Antes, a singularização pode evidenciar desvios, falhas, equívocos da experiência de modernização, mas que, em ampla medida, demandam considerar a constituição das cidades numa condição afirmativa das diferenças que elas virtualmente produzem em distintas condições históricas e geográficas.

Neste trabalho, a investigação centra-se no município de Triunfo, localizado na microrregião do Pajeú, no sertão de Pernambuco. Triunfo possui aproximadamente 15.243 habitantes, segundo dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), e está localizado a cerca de 400 quilômetros da capital, Recife. O município está inserido na zona semiárida do Nordeste, que se apresenta como uma das regiões mais pobres do Brasil e com maior dificuldade de acesso a recursos materiais e simbólicos, o que se reflete em profundas desigualdades sociais.

A questão que se apresenta é como as paisagens culturais atuam na constituição do imaginário do município e como estas apresentam-se virtualmente como recursos que potencializam a inserção e resistência da cidade pequena em sua localização sertaneja, considerando o sertão e suas imagens como o contraponto simbólico do litoral.

Cidade pequena, no interior sertanejo e na ponta subalterna da hierarquia urbana estadual: essas condições de Triunfo no amplo imaginário nordestino, e precisamente pernambucano, passam a demandar os sentidos atuais e latentes sobre o que significa o campo cultural em seu potencial simbólico e socioeconômico na contemporaneidade.

Este trabalho, de caráter qualitativo (MINAYO, 2001), em trajeto interdisciplinar, propõe a construção de uma abordagem teórica, com proposição de pesquisa a partir das obras do antropólogo Gilbert Durand, que considera as transformações das tecnologias midiáticas do século XX como condição de estudo dos processos de produção, transmissão e recepção do que ele designa como museu, o próprio imaginário, “de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 1998, p. 6).

Nessa perspectiva, considerando-se a constante atualização nas condições das tecnologias midiáticas nos dias de hoje, enfatizamos o regime de imagens das águas e o imaginário das alturas. Ponderamos que estes recortes delineados (“águas” e “alturas”) atuam de forma a, no caso de Triunfo, no sertão pernambucano, fortalecer as paisagens em seu potencial simbólico e socioeconômico.

Na geografia, contemplamos leituras sobre conceitos como paisagem, entendendo-a como elemento heterogêneo, um conjunto de tempos e de mesclas naturais e artificiais (SANTOS, 1996) e como condição ou possibilidade de leitura de questões sobre o simbólico na chamada geografia cultural (CLAVAL, 2007). A paisagem, no caso, é carregada de significação, mitos e valores, ou seja, de uma dimensão simbólica (LUCHIARI, 2001, p. 9-28).

A “cultura como recurso”, numa abordagem atravessada e influenciada por aspectos da globalização, provém dos argumentos de George Yúdice (2004). Deste modo, na tensão distintiva entre arte e cultura, torna-se premente considerar a produção simbólica não como superestrutura, mas como condição de dinamização da própria economia. A perspectiva da cultura como recurso sugere entender que as práticas culturais têm incidência nos processos econômicos (YÚDICE, 2004), o que favorece considerar o campo simbólico como recurso na duração da cidade pequena na dinâmica das redes urbanas.

Neste trabalho foram realizadas duas incursões de pesquisa de campo individual, com observação entre janeiro e fevereiro de 2017 e janeiro e fevereiro de 2018. Buscamos registrar, descrever, compreender e analisar o que significa a paisagem cultural como recurso simbólico no município de Triunfo, no sertão de Pernambuco.

Como etapa da pesquisa qualitativa, a pesquisa de campo proporcionou perceber as representações urbanísticas da cidade e, ao mesmo tempo, reproduzir e reconstituir as representações mediante registro fotográfico, que se constitui nesta pesquisa como técnica e como elemento produtor e constituinte do imaginário da cidade. Nessa leitura, optamos por duas categorias recorrentes em Triunfo: o imaginário das alturas e o imaginário das águas.

Em cada visita a campo, a partir do imaginário como perspectiva adotada, fizemos leituras da cidade e, assim, foram se desenvolvendo relações de sentido com Triunfo: procuramos compreender e interpretar as representações do meio urbano, mas também produzir novas representações por meio de um olhar fotográfico, mediante novos registros iconográficos sobre a cidade.

Na perspectiva representacional, a fotografia é considerada como “narrativa visual” (NOBRE, 2013) em sua virtualidade de representar e significar os processos sociais pesquisados, suplementando na pesquisa de campo o que, em geral, se registra nas anotações em texto escrito. Este procedimento atribui à visualidade fotográfica um estatuto no qual os signos icônicos, como registro de um contexto social, favorecem a recuperação

de lembranças na memória da paisagem cultural pesquisada: a possibilidade de ver e rever a imagem e, nisto, já se trata de outra imagem e de outro olhar.

Em instância metódica, portanto, no processo de coleta de informações, adotamos de modo enfático a produção de registros fotográficos como suplementares às anotações textuais da pesquisa de campo, buscando valorizar os elementos icônicos produzidos como fontes de informação e como mensagem (NOBRE, 2013, p. 4), ao mesmo tempo reconstituindo, nas imagens produzidas no exercício fotográfico, o próprio imaginário da cidade pesquisada.

Trata-se de uma condição tecnológica, a dos usos midiáticos, incluindo equipamentos fotográficos, o que permite, e mesmo anima de modo estrutural, a produção sempre renovada de olhares sobre a cidade. A fotografia, ao modo de narrativa visual, apresenta-se como potencial ferramenta de pesquisa e documento iconográfico, sugerindo novos experimentos de ver, olhar e ressignificar, inserindo-se o pesquisador física e virtualmente na paisagem observada, de modo a rearranjar o imaginário que se apresenta e no qual se detém em duas formas de duração: na pesquisa e na possibilidade de rever várias vezes a mesma paisagem no registro fotográfico.

A CIDADE PEQUENA

O IBGE classifica como cidade todo e qualquer aglomerado urbano que seja sede político-administrativa de um município, sem utilizar para tanto parâmetros quantitativos populacionais. No Brasil existem atualmente 5.570 municípios, dentre os quais alguns com milhões e muitos outros com menos de 50 mil ou mesmo menos de 10 mil habitantes (IBGE, 2020).

Pode-se dizer que o interesse pelos estudos de pequenos centros não é recente, considerando que Milton Santos, entre outros pesquisadores, já se referia ao tema na década de 1960. Outros também se preocuparam com o tema e buscaram abordar novas perspectivas, em um esforço de atualização das discussões, como situam Dias e Santos:

Há muito, as pequenas e médias cidades fazem parte do escopo de preocupações dos pesquisadores vinculados a diferentes ramos do conhecimento científico, embora não se tenha notícias de uma discussão mais ampla sobre seu conceito ou da construção de uma metodologia mais ou menos comum para sua análise (DIAS; SANTOS, 2012, p. 9).

Demanda-se pesquisas que busquem compreender a complexidade desses espaços inseridos nas diversas redes urbanas. Necessário também levar em conta que

nesses lugares perpassam as transformações influenciadas pela globalização e pelo desenvolvimento científico, tecnológico e informacional, o que torna imprescindível a investigação dessas cidades.

É preciso ter em vista que cidades pequenas diferem dos grandes centros e de uma para outra, seja pelo contingente populacional, pela localização na rede urbana ou pelas atividades econômicas, entre outros elementos que as diversificam.

Em princípio, é importante superar as abordagens quantitativas que, em geral, cercam os estudos. A ideia de tamanho populacional para classificar não é suficiente para esclarecer as especificidades de cada lugar. Para Santos (2005), os termos “cidade pequena” ou “cidade de pequeno porte” dão a ideia de quantidade populacional, e tratar as cidades por esse aspecto significa incorrer em erro, já que, enquanto fenômeno, estas possuem camadas de complexidade que não são explicadas.

Ainda segundo Santos (2005, p. 87): “A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população, com verdadeira ‘especialização do espaço’”. No entanto, alguns autores não apoiam totalmente essa noção de cidade local. Primeiro, entendem que essa ideia restringe a cidade a um centro provedor das necessidades primárias e que estejam ligadas às atividades agrícolas sem as quais desapareceria. Para os críticos, os pequenos centros, hoje, além de prover a zona rural, desenvolvem atividades e serviços, ainda básicos, mas que superam ou complementam as atividades primárias.

Em segundo lugar, a crítica também engloba o entendimento de que a reflexão de Santos sobre a cidade local deixaria de lado centros urbanos que não se encaixam nesses modelos e não abarcaria toda a diversidade existente nas pequenas cidades.

Para Fresca e Veiga (2011), tanto a cidade pequena quanto a cidade local possuem uma dimensão mínima que as colocam como uma cidade. Porém existem muitas e diversificadas atividades desenvolvidas nesses centros urbanos que extrapolam as atividades de subsistência, além de serem distintos entre si – cada qual possui sua variedade de condições e elementos.

Crítica à parte, entende-se que “cidade local” ou “cidade pequena” diz respeito menos a tamanho demográfico e populacional e mais a uma característica funcional, como esclarece Santos (1982, p. 104-105):

A cidade local é um organismo urbano que atende às necessidades primárias e imediatas das populações locais. Assim, esta definição abrange organismos de tamanhos diversos, fornecedores de diferentes serviços conforme a época e o lugar. Na verdade, as necessidades elementares representam noções que evoluem com o progresso econômico e a ideia de bem-estar.

A partir dessa compreensão, percebemos que o autor inclui dados relevantes sobre as cidades pequenas, demonstrando preocupação em incorporar outros vieses e, assim, ampliar a ideia de cidade local para mais do que apenas centros de subsistência primária que provê a zona rural.

A definição de “cidade local” está atrelada à noção de especialização do espaço, ou seja, ligada às atividades quantitativas e qualitativas que estas desenvolvem para responder às demandas e necessidades da população. “O fenômeno cidade local acha-se, pois, ligado às transformações do modelo de consumo, no mundo, sob o impacto da modernização tecnológica, da mesma forma que as metrópoles são resultados de novos modelos de produção” (SANTOS, 2005, p. 89).

Como percebido, a complexidade que cerca o tema se inicia já quanto à escolha do termo mais adequado para defini-lo. Considerando que ainda não se chegou a um consenso sobre o termo mais adequado e que essa discussão semântica não nos parece ser o elemento mais importante, interessam-nos mais, nesse momento, as ponderações sobre as transformações, relações, funções e papéis desses centros urbanos.

Dessa forma, mesmo utilizando o termo “cidade pequena”, estamos cientes de que a cidade comporta dimensões e variáveis não explicadas pelos dados demográficos ou populacionais. Como visto, não deve ser usado como único parâmetro, uma vez que não dá conta de responder a todos os questionamentos e enredamentos que cercam as cidades pequenas/locais. Cremos ser possível unir estas duas concepções, caracterizando Triunfo como cidade pequena e local.

O IBGE, na mais recente proposta de divisão do espaço geográfico brasileiro, sugere duas categorias: Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas. Em Pernambuco, o município de Triunfo insere-se na Região Geográfica Imediata de Serra Talhada, que faz divisa com a Região Geográfica Imediata de Afogados da Ingazeira. Juntas, estas duas regiões geográficas imediatas constituem a Região Intermediária de Serra Talhada (IBGE, 2017).

Na nova proposta de divisão, os níveis hierárquicos da rede urbana por população e dotação de fluxos de gestão municipal e empresarial são reforçados como elementos constituintes da posição municipal na Região Geográfica Imediata, e deste nível para a classificação das Regiões Geográficas Intermediárias.

Nesta divisão, como podemos inferir da proposta do IBGE, cidades pequenas ou locais como Triunfo tendem a constituir a rede estadual como coadjuvantes de um sistema que direciona os rumos da rede urbana para sua capacidade de se conectar e tirar proveito do amplo sistema das redes urbanas, considerando-se os níveis estadual e nacional dessas

redes, pressionadas e amplamente determinadas estruturalmente pela condição da economia global.

Serra Talhada, como núcleo urbano principal da Região Geográfica Imediata, exerce a função de cidade provedora de serviços públicos municipais e privados empresariais (educação e saúde, principalmente), além de comércio de bens duráveis e não duráveis, aos municípios dessa região imediata, o que determina estruturalmente sua posição de município nucleador, cabendo a Triunfo reinventar-se simbólica e economicamente na oferta de um imaginário singular no campo do turismo local/regional.

Assim como as cidades grandes, as cidades pequenas/locais são heterogêneas. Portanto compreendê-las pressupõe, entre outras coisas, considerar a localização da malha urbana onde estão inseridas, buscando compreender a área de influência das mesmas, pois algumas destas cidades estão localizadas em regiões economicamente dinâmicas, outras estão próximas de cidades maiores, enquanto outras ainda estão em áreas estagnadas economicamente e/ou distantes de grandes centros. Requer que se investiguem inúmeros fatores e condições, limites e mesmo possibilidades dessas cidades, o que não permite uma simplificação ou generalização do tema.

Os processos urbanos não aconteceram da mesma forma ou intensidade em todos os lugares, configurando-se um processo desigual. Assim, é importante incluir no estudo de uma cidade sua localização em uma dada região da rede urbana.

NORDESTE IMAGINADO: Litoral e Sertão

No Nordeste, as regiões litorâneas valem-se do imaginário paradisíaco das águas marítimas como recurso, potencializado por um conjunto de imagens que idealizam esse recorte espacial do país, confirmando que “tradicionalmente o imaginário mais agregado ao turismo é a ideia de paraíso natural” (GASTAL, 2005, p. 84). Entretanto, além da imagem de paraíso tropical e de praias de águas límpidas (em muitos trechos, nem tanto), existe uma noção dicotômica que separa a região em termos geográficos e culturais: o Nordeste do litoral, do mar, das praias e da civilidade e, de outro lado, o Nordeste dos sertões, da vida rústica, das vidas secas e da miséria, que em nada ou muito pouco relaciona-se ao imaginário produzido sobre o primeiro.

O imaginário acerca do Nordeste ficou, assim, restrito a estas duas visões ou imagens recorrentes: o sertão seco, pobre, lugar de conflitos sociais; e o litoral paradisíaco reproduzido nas imagens turísticas da região. Desta forma, foi cristalizando-se uma imagem mítica e idealizada do Nordeste cujos ambientes natural e social foram mote para várias

produções artísticas e mesmo jornalísticas. Sobre essa perspectiva, Castro (2001) expõe que as tramas simbólicas tecidas ao longo da história por narrativas intelectuais, políticas e culturais formularam um imaginário regional apoiado fundamentalmente na natureza, definindo as bases da identidade do seu território.

Figura 1 – Triunfo, em destaque, na divisão territorial dos municípios de Pernambuco



Fonte: TRIUNFO (PERNAMBUCO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, 2021.

Embora sejam apresentadas sensíveis mudanças no imaginário, esse recorte mítico da seca e de imagens acarretadas pela força das estiagens (fome, emigração, morte, animalidade) é ainda a principal referência, ou espécie de pano de fundo simbólico, para as mais diversas produções discursivas, da literatura ao jornalismo, que buscam nesse imaginário um cenário de inspiração estética e simbólica. Deste modo, o sertão é uma criação social dotada de sentidos que se criam, recriam e modificam ao longo do tempo. Os discursos atuam na elaboração de imaginários – muitas vezes estereotipados – do sertão, seguindo uma noção dicotômica do espaço físico: o sertão como oposto ao litoral.

A partir dessa dicotomia físico-geográfica vão se constituindo outras bipolaridades culturais entre os sertões como espaços ermos, distantes, arcaicos, e o litoral como lugar moderno, urbanizado e desenvolvido. Como argumenta Moraes (2003, p. 2):

Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração.

Compreende-se que embora esteja relacionado, no senso comum, a um espaço físico-geográfico no qual a natureza é sempre um distintivo, a ideia de sertão é uma construção simbólica que se dá por inúmeros vieses, ou seja, por sentidos culturalmente

construídos. Para Albuquerque Júnior (2011, p. 37), “a região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder”.

O sertão nordestino talvez seja o mais emblemático recorte de construção de sentidos e imaginários que domina a ideia de amplo sertão no Brasil. A representação imaginária e mesmo afetiva sobre o sertão nordestino foi construída e legitimada por memórias herdadas e transpostas no tempo e no espaço, por meio dos diversos enunciados discursivos: jornalismo, literatura, cinema. O sertão, criado e recriado nestas distintas epistemes, configura seu próprio imaginário e constitui, numa abrangência maior, o imaginário nordestino e brasileiro.

PAISAGEM CULTURAL: recurso simbólico

Na geografia cultural, o estudo da paisagem se amplia de um fenômeno com característica material e passa a incorporá-la como uma totalidade na qual se incluem a natureza e a sociedade e uma dimensão simbólica que perpassa esta relação, com significados culturais, estéticos, imaginários e afetivos.

Segundo Claval (2007, p. 315), a história da geografia cultural, em especial a partir de um pensamento geográfico alemão, apresenta, no estudo das paisagens, uma passagem das funções utilitárias do passado às reutilizações do presente. Em outras palavras, trata-se de uma preocupação que vai da funcionalidade econômica e social à dimensão simbólica global.

No caso da cidade pequena incrustada no sertão brasileiro, já no século XXI, trata-se, antes, de um percurso inverso no campo geográfico, provavelmente porque as condições históricas foram diferentes. O caso de Triunfo, na ponta da hierarquia da rede urbana em Pernambuco, demanda considerar, antes, o valor simbólico criado em áreas profissionalmente modernas, como turismo e comunicação, em busca do redimensionamento econômico.

Segundo Luchiarri (2001, p. 12), “na sociedade ocidental, a concepção de paisagem emergiu no mesmo período em que a ciência arquitetava a dicotomia entre sociedade e natureza”. Nesse momento, a racionalidade de bases positivistas impunha uma nova forma de apreensão do mundo, a qual se afastava da percepção mítica, supersticiosa. Em outras palavras, tentava afastar-se da visão mágica da natureza. Ao longo do tempo, o termo foi utilizado com diferentes acepções na geografia.

O conceito de paisagem é incorporado pela geografia cultural na década de 1920. Porém, mesmo nesse momento, os estudos centravam-se nos aspectos morfológicos da paisagem e seus elementos materiais. Somente a partir da década de 1970 é que se inserem novas abordagens da paisagem dos estudos geográficos, entrando na pauta acadêmica o seu *status* subjetivo.

A paisagem, na perspectiva geográfica em transformação, não pode ser considerada como um retrato ou pintura na qual se fixam seus elementos mais visíveis. A paisagem é movimento. Ela não é apenas uma. São camadas de elementos historicamente construídos ou transformados que se sobrepõem e vão modelando cada lugar. E esses elementos que modelam a paisagem são tanto de natureza social e econômica quanto cultural.

Ainda na concepção de Luchiarri, o conceito de paisagem, na contemporaneidade, ganhou novas configurações a partir das transformações técnicas, econômicas e sociais que marcam a sociedade atual. E por isso “a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida, carregada de natureza e cultura, de processos naturais e sociais” (LUCHIARI, 2001, p. 21).

Os elementos fornecidos pela natureza foram apropriados e influenciados de maneira irremediável pela intervenção humana, resultando em uma paisagem modelada pelas marcas humanas em todas as áreas do planeta, ou seja, resultando na paisagem cultural.

Nas palavras de Romancini, “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado” (ROMANCINI, 2005, p. 24). Assim, a paisagem cultural, sendo produto da ação humana sobre a natureza em um processo produzido ao longo do tempo, comporta múltiplas camadas históricas que são marcas do desenvolvimento.

Tratar a cultura como um recurso direcionado ao desenvolvimento e melhoria nos aspectos sociais, políticos e econômicos é uma proposta defendida pelo professor e pesquisador norte-americano George Yúdice, de formação interdisciplinar.

Pensar a cultura atravessada por circuitos políticos, sociais e econômicos na era da globalização é o argumento central do pesquisador. Ele aborda a cultura perpassada por questões globais e como estas afetam o campo cultural. Em outras palavras, globalização, capitalismo e neoliberalismo são aspectos que não podem ficar de fora dos estudos voltados para a cultura.

A cultura como recurso não exclui/diminui os conflitos sociais, não existindo um conjunto harmonioso capitalismo/cultura, mas Yúdice (2004) argumenta a favor de uma predisposição da esfera cultural como um campo capaz de dinamizar a criatividade e

viabilizá-la para ter uma série de resultados – educação, geração de emprego e dinamização da economia –, além de servir como um recurso capaz de atuar para a resolução de problemas sociopolíticos, como o racismo, a violência e a intolerância. Assim a cultura é entendida como um recurso com várias finalidades, com relações complexas e atravessamentos decorrentes de um contexto globalizado.

Nessa perspectiva, certamente polêmica e não esvaziada de conflitos, cultura passou a ser discutida como um expediente que pode gerar desenvolvimento e benefícios sociais. Dessa forma, é necessário pensar a cultura conectada com seus aspectos simbólicos, econômicos e sociais. Nas palavras de Yúdice (2015), a cultura deve ser entendida em sentido amplo, incorporada a vários contextos, dinâmicas e relações transversais com distintos segmentos, como sugere no excerto a seguir:

A cultura, num sentido amplo, refere-se não só às artes e ao patrimônio construído, mas também às indústrias culturais, às práticas cotidianas da comunidade, enfim, aos saberes, significados e valores que fazem dela uma fonte de identidade, inovação e criatividade. Neste sentido mais amplo, a cultura é necessariamente transversal, quer dizer, não opera em um único setor. Esta seria a primeira dimensão da transversalidade, como já vimos mais acima: fortalecer a transversalidade quer dizer fomentar sinergias entre os diversos setores: cultura, educação, economia, comércio, meio ambiente, turismo, comunicações etc. (YÚDICE, 2015, p. 63).

Vale dizer que tanto a arte quanto a cultura já são tratadas há muito tempo como recurso. Yúdice (2004) considera os campos da indústria no espaço comunicacional, o que inclui a indústria fonográfica e cinematográfica e o circuito internacional dos grandes museus, percebendo-se e admitindo-se que se tratam de negócios que movimentam recursos financeiros na ordem de milhões.

O desafio que se mostra nesse amplo campo discursivo é como pensar na cultura enquanto recurso em contextos que ficam de fora dos grandes espaços de produção capitalista industrial, sem o suporte dos grandes conglomerados de informação e entretenimento, e o que, no campo cultural, pode ser considerado recurso simbólico nas pequenas cidades, dada sua inserção histórica e desigual na hierarquia das redes urbanas.

As cidades pequenas estão fora dos circuitos metropolitanos mundiais e à margem das redes urbanas regionais e nacionais. Nessa perspectiva, convém compreender os modos como as paisagens culturais constituem o imaginário da cidade pequena e em que medida conseguem tornar-se recursos na ordem simbólica com reflexos na atividade econômica.

Apoiados nas reflexões de Yúdice (2004: 2015), buscamos compreender que as paisagens culturais de Triunfo, potencializadas pelos imaginários das alturas e das águas,

constituem um recurso simbólico acionado de modo corrente na produção da vida econômica local.

TRIUNFO: imaginário das alturas e imaginário das águas

O município de Triunfo, localizado no sertão pernambucano, faz parte do Sertão do Pajeú, área inserida na zona semiárida do Nordeste. De acordo com critérios geomorfológicos, a região combina duas formações: a Depressão Sertaneja e o Planalto da Borborema.

A primeira apresenta menor altimetria, relevo aplainado com elevações residuais, rios intermitentes e vegetação característica da Caatinga. O Planalto da Borborema apresenta elevações com presença de topoclimas com maior umidade, o que permite um perfil mais variado de fisionomias da Caatinga (MACIEL; PONTES, 2015).

O bioma é preponderante em todo o sertão. O clima é quente e seco, concentra altas temperaturas e períodos irregulares de chuvas. No entanto, em meio à Caatinga existem diversas áreas onde o clima e as vegetações se diferem do entorno do semiárido.

Esses acidentes geográficos são classificados como “brejos de altitude”, tipo de conformação natural que permite uma fisionomia de clima e vegetação distinta dos aspectos do semiárido. Conceitualmente os brejos de altitude são: “‘ilhas’ de floresta úmida estabelecidas na região semiárida, sendo cercadas por uma vegetação de caatinga. Os brejos são ‘áreas de exceção’ dentro do domínio do Nordeste semiárido” (TABARELLI; SANTOS, 2004, p. 17).

Triunfo localiza-se num brejo de altitude, uma vez que está situado a 1.004 metros de altura, tendo como ponto máximo o Pico do Papagaio, a 1.260 metros de altitude. Essa configuração geológica e geográfica proporciona temperaturas que variam entre 28° C no verão e 8° C no inverno, além de maior umidade e uma composição vegetal que mescla características da Caatinga e resquícios de Mata Atlântica.

Destacamos, assim, a constituição de um imaginário de Triunfo: o de imagens ascensionais, dada a localização elevada do município, sobressaindo-se verticalmente com relação aos baixios do semiárido, e de imagens aquáticas, tendo o lago artificial no centro do município como espelho que reflete continuamente a imagem da própria cidade.

Na imaginação geográfica sobre o sertão são recorrentes imagens como espaços secos, de paisagens áridas e quase desérticas. As paisagens em Triunfo, no entanto, remetem a elementos do imaginário das águas e das altitudes, num complexo nuançado que

atribui imagens recorrentes de lagos e morros, ou seja, de imersão e de voo, descida e subida, queda e ascensão, planície e serra, o baixo e o alto, o aconchego e a partida.

Figura 2 – A cidade de Triunfo se espraia pelos altos dos montes.



Fonte: A autora (2018).

A cidade também possui equipamentos culturais, como o conjunto arquitetônico que apresenta construções do século XIX, com estilo eclético caracterizado pela mistura de tendências de várias correntes. O conjunto de construções inclui o Theatro Cinema Guarany, igrejas históricas, casarios, museus e espaços culturais. Entre os pontos de interesse turístico na zona rural encontram-se cachoeira e grutas e a própria paisagem serrana. Inclui também inúmeras manifestações culturais, como a Folia dos Caretas, rituais religiosos, festas, feira livre e o próprio cotidiano que compõem, em conjunto, a paisagem cultural do município.

As alturas

Em Triunfo, a verticalidade e as águas são favorecidas pela natureza, mas é no campo do imaginário que elas se potencializam, e assim se reinventa a estética das alturas e das águas, valendo-se do fascínio que estas últimas exercem no ser humano. As características naturais têm sido utilizadas a favor da cidade e, assim, construiu-se um imaginário de município sertanejo, mas com características singulares: localização em altitude elevada, registro de temperaturas amenas, presença de fontes hídricas (lagos e cachoeiras) e vegetação mais encorpada e verde, distinta da Caatinga.

A localização do município no semiárido sugere a imaginação geográfica dos embates regionais, caracterizados pelo imaginário das secas, terras áridas e visualidades

desérticas. Entretanto, a paisagem serrana de Triunfo representa uma singularidade, considerando o entorno sertanejo.

Nesse sentido, Triunfo constitui-se, nos enunciados antropológicos, um imaginário das alturas favorecido pela natureza dos acidentes geográficos. A imagem de lugar alto se dá a partir, por exemplo, da experiência na subida de automóveis a partir dos baixios da Caatinga em direção serra acima.

Já nas alturas da serra adiciona-se um imaginário de ascensão com o equipamento urbano mais visível: o teleférico, que atua de modo a alimentar o imaginário da verticalidade, conduzindo a imaginação ainda mais para o alto.

Na cidade de serra, o teleférico é um equipamento urbano como uma espécie de prótese, “asa” com o qual se pode “voar”, subir, mais ainda, na imaginação de verticalidade que marca a experiência de estar no lugar alto. Com o teleférico, que “voa sobre as águas” do lago no centro da cidade, chega-se até os morros. Do alto do morro pode-se observar de forma panorâmica a cidade ou, como em narrativas épicas no plano simbólico, “chegar mais perto do céu”.

Figura 3 – O imaginário das alturas é reforçado pelos equipamentos culturais



Fonte: A autora (2018).

Gilbert Durand (2001) evidencia que os esquemas de verticalidade e ascensão e elevação são valorizados positivamente, posicionamento também já explicitado por Bachelard (1989, p. 59): “entre as fantasias que nos aliviam, bem eficazes e simples são as das alturas”. Em outras palavras, os símbolos verticalizantes e as imagens de ascensão são valorizados positivamente no imaginário, como argumenta Durand. “É, portanto, natural que esses esquemas axiomáticos da verticalização sensibilizem e valorizem positivamente

todas as representações da verticalidade, da ascensão à elevação” (DURAND, 2001, p. 127).

O subir a serra e alcançar a parte mais alta representa um desejo, no âmbito do inconsciente, de verticalidade e ascensão, subir e se elevar, “a ascensão é, assim, a ‘viagem em si’, a ‘viagem imaginária mais real de todas” (DURAND, 2001, p. 128). Em suas conjecturas, Bachelard (1989) entende que as fantasias das alturas são libertadoras, pois dão vazão aos instintos naturais de verticalidade, que são abandonados no cotidiano da vida comum, de uma vida horizontal, cuja realidade limita-se a estar junto ao chão.

As águas

Além dos elementos das alturas, a água e suas imagens também operam argumentos discursivos como recurso simbólico em Triunfo. Água, elemento indispensável para a sobrevivência humana, também anima a vida no sentido simbólico, incluindo o lazer. A água, ao atuar nas sensações, pode ter distintos significados (romantismo, mistério, frescor) ou representar um impulso à disposição física e mental (movimento, desafio, incerteza).

O imaginário de Triunfo incide sobre as paisagens das águas, o que pode ser percebido por intermédio de cartões postais dos lugares nos quais a água é o elemento pelo qual o município procura se representar singularmente no sertão. Lago, fontes e cachoeiras são elementos da paisagem usados hoje como recurso simbólico do município, com evidentes impactos no modo de vida dos habitantes e, como consequência, na economia local.

Triunfo está inserido na região do semiárido nordestino, onde as chuvas são irregulares e variam em concentração e ocorrência, situação que alimenta o imaginário de terras áridas e desérticas. A geografia serrana de Triunfo, no entanto, representa uma singularidade, considerando o entorno sertanejo, justificando, em alguma medida, a alcunha de “Oásis do Sertão”.

Embora a cidade, como todas as outras do Sertão do Pajeú, sofram as mesmas condições naturais impostas pela irregularidade das chuvas, o aspecto natural e verticalizante do brejo de altitude é recorrentemente utilizado em favor da imagem da cidade, e assim construiu-se um imaginário de cidade das alturas, com temperatura amena, de paisagens verdes e de águas, em meio à aridez do sertão pernambucano.

Figura 4 – O céu duplicado no espelho do lago: imaginário das águas no sertão



Fonte: A autora (2018).

O Lago João Barbosa Sitônio, localizado no centro da cidade, é a mais expressiva e recorrente imagem na paisagem das águas de Triunfo. O lago foi construído em 1850, para represar a água de uma nascente e servir de suporte no abastecimento em épocas de estiagem (PÁDUA, 2014), e hoje é o principal cartão postal da cidade.

Em suas águas são permitidos passeios de pedalinhos, como forma de enxergar a paisagem da cidade por outro ângulo. A água funciona ali, naquela paisagem, como o espelho onde se projetam os reflexos disformes do mundo que a rodeia: o céu, os prédios, a vegetação. A água é também espelho metafórico da contemplação e devaneios interiores, água que funciona como espelho para contemplação íntima, que naturaliza a nossa imagem refletindo o real e o ideal em um narcisismo idealizante (BACHELARD, 1997).

Na formação desta paisagem, a potência da água está tanto na concepção físico-química, como elemento fundamental na constituição da vida e na concepção social pelo desenvolvimento de atividades produtivas, quanto na relação simbólica entre homem e água. Nesta, a água é representação mítica, a exemplo da estética cristã, em que torna-se elemento representativo da vida, símbolo de purificação, materialidade do sagrado, presente em cerimônias e rituais religiosos.

A partir dessas perspectivas subjetivas e poéticas, Bachelard (1989) anuncia a capacidade imaginativa através da substância água. Nas estruturas do imaginário, água é elemento que impulsiona a imaginação, o devaneio, o sonho. Com suas propriedades relacionadas ao sensível, ao estético e ao simbólico, a água formula imagens que enriquecem o museu do imaginário.

Na contemporaneidade, diversas cidades têm na água seu principal recurso simbólico, incluindo o turístico. Para Pitta (2017), o ser humano é essencialmente simbólico, afeito a atribuir sentidos que vão muito além dos significados ou funcionalidades de coisas, ações, objetos. Assim é que tudo aquilo que parece ser natural (árvores, fogo, água) é ressignificado no campo simbólico. O lago não é apenas um suporte de água. Ele é ressignificado, tornando-se um espelho para contemplação, reflexo e imagem da própria cidade. É um cenário para experiência de observação, imaginação ou experimentação no passeio pela superfície de suas águas ou no voo acima do espelho d'água.

No sertão, ligado de modo recorrente ao imaginário das secas, Triunfo busca se singularizar pelo imaginário das águas. O lago é a figura principal pela qual se replicam imagens da cidade por fotografias e vídeos, recorrentes nos sistemas midiáticos. Mas o imaginário das águas se potencializa por intermédio de outros recursos que constituem a paisagem: cachoeira, poços, riachos, fontes, chafariz e parque aquático.

A água como elemento da natureza reforça, deste modo, a experiência cultural de uma cidade das águas em pleno sertão semiárido. Triunfo não tem mar ou rios, mas ainda assim as águas inspiram e mobilizam sentidos e significados de singularidade, ilustrado pela ideia de “Oásis do Sertão”, uma imagem positivada que atua na representatividade e identificação do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os olhares sobre as culturas demandam a criação de um imaginário que favoreça não apenas a manutenção, mas também o desenvolvimento, das práticas sociais enfaticamente conectadas à dimensão geográfica de um município com seus recursos. No entanto, a imaginação sobre o estado de Pernambuco, enfaticamente vinculada ao litoral de águas marítimas e atividades de turismo internacional, talvez precise produzir modos de ver as hinterlândias, o entre-terras, os interiores, de modo a considerar renovada a atenção para as paisagens culturais historicamente produzidas que, nos ermos sertões, aguardam olhares que lhes atribuam novos sentidos.

O município de Triunfo, na condição de cidade pequena/local cujas principais atividades econômicas são a agricultura e o comércio, tem procurado construir políticas públicas que visam aproveitar o imaginário local como potencial turístico e alternativa para o desenvolvimento socioeconômico sustentável. Nota-se, pois, que, em Triunfo, elementos culturais se organizam em uma dinâmica de produção e recriação de sentidos e

singularidades, potencializados pelos imaginários das águas e das alturas, que inventam cenários e fabulam experiências.

As paisagens culturais de Triunfo apresentam-se como recursos que potencializam uma imagem do município na rede urbana de Pernambuco, passando a exigir novos olhares sobre a relação entre imaginário e recursos simbólicos para municípios na ponta extrema da hierarquia das redes urbanas regionais e nacionais.

Pode-se dizer que o imaginário simbólico de Triunfo tem sido tratado como um recurso com potencial para a singularização de suas paisagens culturais, construídas e constantemente reinventadas no amplo processo de produção midiática que caracteriza o mundo contemporâneo. A cidade que se vê, que se registra e se difunde no imaginário midiático, recriando-o e redimensionando-o, observa a passagem da modernização um pouco mais além, que se atualiza de modo mais intenso nas capitais regionais e nas metrópoles nacionais.

Entre modernização econômica e modernidade simbólica, os estudos de cultura, que dialogam com as Ciências Sociais e Humanas, talvez ponderem metodologicamente as condições de leitura e releitura da cidade e de suas paisagens, ensejando a produção simbólica como potencial recurso para se viver e pensar a cidade, qualquer que seja, incluindo aquelas cidades pequenas, localizadas na ponta oposta da metrópole na hierarquia urbana e no entre-terras das hinterlândias que, de modo rarefeito, se instituem no imaginário nacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTRO, Iná Elias de. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-134.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Janio (Org.). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. Salvador: SEI, 2012. p. 9-16.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FRESCA, Tânia Maria; VEIGA, Léia Aparecida. Pequenas cidades e especializações funcionais: o caso de Santa Fé-PR. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, ano 23, n. 3, p. 387-396, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza/article/view/12328/pdf_1>. Acesso em: 8 nov. 2017.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2100600>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente no Brasil e Unidades com data de referência em 1º de julho de 2020**. Rio de Janeiro, IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A resignificação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 9-28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método, criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACIEL, Caio; PONTES, Emílio Tarlis. **Seca e convivência com o semiárido**: adaptação ao meio e patrimonialização da Caatinga no Nordeste brasileiro. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

MORAES, Antônio Carlos Robert. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis (Nova Série) Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 4-5, p. 1-8, 2003, nov. 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/230>>. Acesso em: 20 maio 2018.

NOBRE, Itamar de Moraes. A fotografia como narrativa visual. **Inter-Legere**, n. 5, 3 dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4572>>. Acesso em: 25 set. 2019.

PÁDUA, Maria Helena de. **Histórias fantásticas de um sertão chamado Triunfo**. Recife: Imprima, 2014.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: paisagens e espaços da memória**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos**. Petrópolis: Vozes, 1982.

TABARELLI, Marcelo; SANTOS, André Mauricio Melo. Uma breve descrição sobre a história natural dos brejos nordestinos. In: PORTO, Kátia C. CABRAL; JAIME J. P.; TABARELLI, Marcelo (Org.). **Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 17-24.

TRIUNFO (PERNAMBUCO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Triunfo_\(Pernambuco\)&oldid=60467142](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Triunfo_(Pernambuco)&oldid=60467142)>. Acesso em: 14 mar. 2021.

YÚDICE, George. Os desafios da diversidade cultural no novo milênio. In: KAUARK, Giuliana; BARROS José Márcio; MIGUEZ, Paulo (Org.). **Diversidade cultural: políticas, visibilidades midiáticas e redes**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 59-92.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Como citar:

ABNT

SANTOS, V. L. X.; GUSHIKEN, Y. Paisagens culturais e imaginário como recurso simbólico da cidade pequena: um estudo sobre Triunfo, Sertão de Pernambuco. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 7, e202114, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202114>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

APA

Santos, V. L. X., & Gushiken, Y. Paisagens culturais e imaginário como recurso simbólico da cidade pequena: um estudo sobre Triunfo, Sertão de Pernambuco. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 7, e202114. Recuperado em 15 agosto, 2021, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202114>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2021, Universidade Federal do Maranhão.

